

Marx/Bakunin

Maurício Tragtenberg

É necessário situar, inicialmente, que o debate Marx/Bakunin não significou o fim da Primeira Internacional somente, mas até hoje permanece na ordem do dia, na medida em que o sistema capitalista se mantém na maior parte do mundo e o Estado como elemento redistribuidor da mais-valia na forma de sobretrabalho, taxa de juros e renda da terra.

É importante sublinhar que existe uma produção intelectual de Marx que, por sua vez, sempre se recusou a classificá-la como “marxismo”, a ponto de afirmar claramente: “Tudo que sei é que eu não sou marxista” (Carta de Engels ao jornal Sozialdemokrat, 7.9.1890 apud Rubel, 1974, p.21).

A origem do conceito “marxismo” pode ser encontrada nos calorosos debates entre os adeptos de Bakunin e Marx, onde os discípulos daquele não se cansavam no ardor da polêmica em alcunharem seus opositores como “marxistas” ou adeptos do “marxismo”. Engels vislumbrava que tal denominação – “marxismo” – poderia descaracterizar a obra de Marx, cuja preocupação fundante é a compreensão do movimento real, reafirmada por Marx em carta a Hyndman de 2 de julho de 1881. “No programa do partido é necessário evitar que ele surja como dependendo diretamente em relação a tal ou qual autor, tal ou qual livro” (Marx apud Rubel, 1974, p.25).

Marx tem um papel importante enquanto autor dos documentos centrais em torno dos quais se constituiu a Primeira Internacional. No âmbito das conferências, congressos, procurava ele permanecer “na penumbra”; somente na “Carta à Comuna” é que aparecerá publicamente como autor do texto, ocasião em que seus adversários qualificam-no como “o partido Marx”, ampliando o conceito para “dinastia de marxistas” ou “líder de partido”, “autoritário”, enquanto seus adeptos são qualificados de “agentes”.

No quadro da Primeira Internacional, os franceses contribuíam com o proudhonismo, os italianos com o mazzinismo, os ingleses com o sindicalismo, a Alemanha através de Marx com O capital entendido como uma crítica da economia política.

Numa carta a Engels, Marx critica uma proposta de Wolf, segundo a qual o Conselho Geral se transformaria num governo central dirigido por Mazzini, que controlaria os trabalhadores (Marx apud Rubel, 1974, p.30), prenunciando nessa atitude uma resposta antecipada às acusações dos adeptos de Bakunin sobre o “autoritarismo” e o “individualismo” de Marx.

Anonimato e eficiência na ação eram as divisas de Marx até a Conferência de Londres, em 1871. Recusara-se ele na Conferência de 1865 a ler o relatório de Liebknecht, porque este o tinha carismatizado (Carta de Marx a Liebknecht, 24. 11.1865 apud Rubel, 1974, p.34).

Marx considerava sua obra fruto do movimento operário e, portanto, da Internacional, que, através da discussão contínua entre seus membros, desenvolveria sua capacidade intelectual.

Acusado em várias épocas de procurar fundar o monolitismo teórico, pela “Circular do Conselho Geral” de 9 de março de 1869, redigida por Marx, vê-se que ele se pronunciara claramente contra qualquer monolitismo teórico. Infelizmente, na edição organizada por Lhening das obras de Bakunin, na parte referente aos “Apêndices”, falta esse texto e, quando aparecem algumas de suas partes, surgem sem o nome do autor, conforme o demonstrara cabalmente Rubel (1974, p.39).

Marx incorpora-se ao movimento operário que procura organizar-se autonomamente na medida que seus princípios de auto-organização e autoeducação teórica tornam-se constitutivos de um movimento operário que se pretenda revolucionário.

É importante situar que o chamado “marxismo” não é uma pedra monolítica, como o pretende o stalinismo. Na medida em que procura compreender o movimento real para nele intervir, ele encontra nas “leituras” de Rosa Luxemburgo, Lukács, Karl Korsch seu desenvolvimento lógico.

Comparativamente falando, enquanto Marx estrutura uma obra crítica à economia capitalista em *O capital*, não se encontra na obra de Bakunin algo parecido, nem no conjunto das obras dos chamados “libertários” que se opõem aos chamados “autoritários”.

Bakunin fala a linguagem do *imediato*, daí muitos de seus escritos parecerem uma reivindicação do humanismo abstrato, do indivíduo abstrato; constituem uma sistematização da prática dos “niilistas” russos influenciados pelo “Catecismo Revolucionário” de Netchaiev. Pensador impulsivo, explosivo, uma hora privilegia o conceito “natureza” no melhor estilo de Comte, noutra hora, como hegeliano, atribui ao espírito uma função criadora da história. Utiliza expressões como “instinto”, através do vitalismo – sua postura da “vida” contra a “ciência” – biológico transferido ao social.

No melhor estilo organicista, concebe a sociedade como um organismo com infinitas células com autonomia para garantirem uma vida literária ao corpo social. Organicismo, culto ao indivíduo e federalismo são as bases de seu “credo”.

Veremos mais adiante como, preso ao chauvinismo eslavo, ele acusa sucessivamente alemães, franceses e judeus, numa “judeofobia” incompatível com sua proposta “libertária”.

Pontos de divergência entre Marx e Bakunin

Segundo Bakunin, Marx

é o chefe e inspirador senão o principal organizador do partido dos comunistas alemães – em geral é pouco organizador, tendo desenvolvido mais o talento da divisão pela intriga do que a capacidade de organização, autoritário e partidário da emancipação e da organização nova do proletariado pelo Estado, conseqüentemente de cima para baixo ...

Basta verificar que através da *Crítica à filosofia hegeliana do estado* (1843), da *Crítica da filosofia do direito de Hegel* e de *Sobre a questão judaica*, Marx condena o dinheiro e o Estado, origem de todos os males, que terão fim através da autoemancipação dos trabalhadores. É muito clara sua negação do dinheiro e do Estado após sua ruptura com Hegel e o estudo das revoluções burguesas. Daí afirmar que “o proletariado se encontra em oposição direta à forma na qual os indivíduos até hoje procuraram expressar-se coletivamente, a saber, o Estado: ele deve destruí-lo para realizar sua personalidade” (Marx, [1846] [s.d.]a).

Via Marx que após uma luta operária surgiria uma associação que tivesse continuidade após a luta, depois as associações reunidas, na forma de um movimento social, dar-se-ia um processo revolucionário que desenvolveria uma socialização proletária do poder, da existência e do trabalho, oposta à “socialização” capitalista, que é feita de cima para baixo, centralizadora e alienante. Para Marx, a associação designa um processo e projeto revolucionários. É o elemento fundante da ação operária. Daí ter ele definido com muita clareza que “a finalidade da Associação Internacional é de combinar, generalizar e dar uniformidade aos movimentos espontâneos da classe operária, mas não dirigi-la ou impor, não importa qual sistema doutrinário” é o que diz uma resolução redigida por Marx em 1866 (Marx, “Instrução sobre diversas questões aos delegados do Conselho Geral Provisório, no Conselho da Primeira Internacional, Moscou apud Berger, 1974, p. 133).

Em nome da associação operária e da abolição do salariado, Marx criticará as diversas tendências “espontâneas” no movimento operário “organizado”, criticará os projetos políticos e as práticas. Denunciará a prática sindicalista limitada à luta reivindicativa e corporativa, os programas estatistas social-democratas que se pretendem “marxistas”. É o sentido da “*Crítica do Programa de Gotha*” criticado por Marx e da “*Crítica do Programa de Erfurt*” criticado por Engels. Criticam o estatismo e o “putchismo” revolucionário de Blanqui, o mutualismo de Proudhon, com sua proposta da “fábrica aos trabalhadores” em pleno regime capitalista, opondo a isso um projeto global de reestruturação da divisão capitalista do trabalho, de abolição do Estado através da associação operária.

Assim, por exemplo, Bakunin (1974a, p.153) vê no

poder, princípio eminentemente metafísico, teológico e político, a negação absoluta e fonte de todas as depravações. Um dos efeitos maiores do exercício do poder é persuadir os homens mais inteligentes e desinteressados de que são necessários e que para o bem de todo mundo devem continuar a exercê-lo.

Um dos aspectos fundamentais da oposição Bakunin/Marx na Primeira Internacional não era a finalidade da revolução socialista, mas os meios para atingi-la; estava em discussão o processo revolucionário. A crítica central de Marx a Bakunin

consiste no fato de este formular suas teses sobre o Estado de forma linear, universal, a-histórica e, portanto, simplista. Sua análise aparece desligada de qualquer conteúdo hegemônico à luta das associações operárias contra o Estado burguês. O ativismo bakuninista, que é responsável por falsas imputações, como a de que Marx defendia “*O Programa de Gotha*”, motivando sua reação na carta a W. Bracke de 5 de maio de 1875: “Bakunin, por exemplo, torna-me responsável por todos os programas” (Marx apud Berger, 1974, p.136).

Referindo-se a Marx, Bakunin (1974a, p.202) escreve que “a finalidade suprema de todos seus esforços, como nos anuncia o estatuto de seu partido, é o estabelecimento do grande Estado popular”. Criticando o Programa do Partido Social-Democrata Alemão, sob orientação de W. Liebknecht, escreve Marx justamente a respeito:

O objetivo dos trabalhadores que se libertaram da estreita mentalidade de humildes súditos não é, de modo algum, tomar livre o Estado. No Império Alemão o “Estado” é quase tão livre como na Rússia. A liberdade consiste em transformar o Estado, organismo que é colocado acima da sociedade, num organismo inteiramente subordinado a ela; e mesmo nos nossos dias as formas de Estado são mais ou menos livres ou não livres na medida em que limitem a “liberdade do Estado”. (Marx, 1966, p.42-3)

Em idêntica direção, Engels numa carta a A. Bebel de 28 de março de 1875, criticando o Programa de Gotha do Partido Social-Democrata Alemão, escreve:

O Estado popular livre tomou-se um Estado livre. Conforme o sentido gramatical desses termos, um Estado livre é um Estado que é livre em relação a seus cidadãos, isto é, um Estado que governa despoticamente. É necessário deixar de lado toda essa fraseologia sobre o Estado, sobretudo após a Comuna de Paris, que não era um Estado, no sentido do termo. Os anarquistas já nos jogaram na cara

O Estado popular, embora A miséria da filosofia de Marx contra Proudhon e depois O manifesto comunista digam explicitamente que com a instauração do regime socialista o Estado dissolve-se a si próprio e desaparece. (Engels, 1966, p.58)

A respeito do controvertido conceito de ditadura do proletariado, estabelece-se outro confronto entre Marx e Bakunin. A respeito diz este:

Eles [os marxistas] dizem que essa ditadura – julgo estatista – é um meio transitório inevitável para chegar à emancipação integral do povo: anarquia ou liberdade, eis o objetivo. Estado ou ditadura, eis o meio. Portanto, para emancipar as massas trabalhadores, é necessário em primeiro lugar acorrentá-las. (Bakunin, 1975, p. 187)

O que está colocado em debate é o tema do Estado.

Em Marx é fundamental o conceito de superestrutura definindo o caráter subordinado do Estado, sem reduzi-lo mecanicamente a um epifenômeno do “econômico”, entendido como ato econômico “puro”. Acentua o tema da determinação e situa a sociedade civil como o espaço das determinações. Com Saint-Simon, procura Marx compreender o real no nível do social e não do político e, ao mesmo tempo, compreender a totalidade desse social.

Através de *O capital*, Marx mostra a necessária existência mediadora do Estado, cuja intervenção cria condições para a circulação monetária, através da cunhagem oficial. No período de acumulação primitiva, o Estado utiliza seu poder para criar condições ao desenvolvimento capitalista e, através da limitação da jornada de trabalho, o Estado intervém no processo acumulativo.

Se conforme *A ideologia alemã* (Marx, [s.d.]a, p.247) é pela forma Estado que uma classe dominante realiza seus interesses de classe, é claro que o Estado não aparece como “reflexo” da estrutura econômica. Constata ele a existência de uma especificidade do político sob o capitalismo, que reside no processo pelo qual o Estado se torna autônomo, independente ante a sociedade global (Marx, 1972, p.209-11; Marx, [s.d.]b, p.104). Essa in- dependência ou “autonomia” do Estado em relação à sociedade civil é um fenômeno geral no processo de constituição e consolidação do capitalismo.

Isto não significa que Marx considere o elemento político “fundante” da estrutura econômica, daí polemizar com Bakunin acentuando que Bakunin pretende que o Estado criou o capital, que o capitalista é dono do capital por graça do Estado. Conseqüentemente, como o mal principal para ele é o Estado, suprimindo este e o capital, os dois irão ao inferno. Num sentido oposto, dizemos nós: abolis o capital, a apropriação do conjunto dos meios de produção das mãos de alguns, o Estado se extinguirá. A diferença é essencial: a abolição do Estado sem uma revolução social anterior é um absurdo, a abolição do capital constitui precisamente a revolução social e traz, em si, uma transformação do conjunto dos meios de produção (Marx, 1966, p.119-20).

Na transição do capitalismo ao socialismo admite ele conjunturalmente que “necessite o proletariado do Estado, não para realização da liberdade e sim para reprimir seus adversários. O dia em que for possível falar-se em liberdade o Estado deixa de existir como tal” (Marx, 1966, p.SS-9).

No pensamento de Marx “o Estado deixa de existir como tal” quando a práxis proletária realiza “a destruição do poder de Estado” (Marx, 1972, p.45) através da fórmula da Comuna, ao mesmo tempo que cria condições à emancipação do trabalhador. Não se trata de trocar uma forma de Estado por outra, a práxis proletária materializada na Comuna de Paris foi o anti-Estado, definindo a instauração da Comuna de Paris como “não sendo uma revolução contra uma forma de Estado específico, legitimista, constitucional, republicano ou imperial, foi uma revolução contra o próprio Estado, esse aborto sobrenatural da sociedade” (Marx, 1972, p.212).

Não se tratava para ele de delegar a uma ditadura, no sentido tradicional do termo, a transferência da práxis política e social do proletariado, mas através da Comuna “restituir ao corpo social todas as energias absorvidas pelo Estado parasita que se alimenta da sociedade, paralisando seu dinamismo” (Marx, 1972, p.44).•

O que é a ditadura do proletariado?

Bakunin – O que quer dizer o proletariado elevado ao nível de classe dominante?

Marx – Quer dizer que o proletariado conquistou força e nível de organização para empregar na sua luta contra as classes privilegiadas os meios de violência mais amplos; mas ele só pode empregar meios econômicos que suprimam seu próprio caráter de assalariado e, por conseguinte, seu próprio caráter de classe. Assim, com sua vitória total, sua dominação desaparece, pois seu caráter de classe desaparece também.

Bakunin – Isso quer dizer que todo o proletariado estará na direção do governo?

Marx – Nas trade-unions, por exemplo, os sindicalizados na sua totalidade fazem parte do Comitê Executivo? Toda divisão de trabalho e as diversas funções, que dela decorrem, cessarão de existir?

Bakunin – Os alemães são 40 milhões, todos serão membros do governo?

Marx – Certamente! Pois a coisa começa pelo “autogoverno” da Comuna . . .

Bakunin – Por governo do povo os marxistas entendem governar o povo com auxílio de um pequeno número de dirigentes eleitos por ele.

Marx – Asneiras! A eleição é uma forma política que é encontrada desde a mais minúscula comuna russa, como no arte/ [velha instituição cooperativa russa] . O caráter da eleição não depende de seu nome, mas ao contrário, de sua base econômica, das relações econômicas entre os eleitores. Desde que as funções não são mais políticas: 1) não existe mais função governamental; 2) a repartição das funções gerais tornou-se uma coisa técnica e não proporciona nenhum poder; 3) a eleição não tem nada do caráter político atual.

Bakunin – A eleição pelo sufrágio universal de todo o povo, dos representantes do povo e dos dirigentes do Estado: eis a última palavra tanto dos marxistas como da escola democrática. É uma mentira sob a qual se esconde o despotismo de uma minoria governante, tanto mais prejudicial quando mais apareça como expressão da pseudovontade popular.

Marx – Nas condições atuais, “todo o povo” não é mais do que uma ficção. Sob a propriedade coletiva desaparece a pseudovontade do povo para ceder lugar à vontade real dos cooperadores (Marx apud Papaioannou, 1972, p. 213-214)¹.

É o projeto revolucionário real, a Comuna de Paris, influenciado porém não dirigido pela Associação Internacional dos Trabalhadores, que colocou o tema da associação do novo poder “descentralizado” e radicalmente transformado pelas massas, definindo inequivocamente e sem partido dominante o que Engels declarava aos que têm medo do conceito “ditadura do proletariado”: “Olhai a Comuna de Paris, é a ditadura do proletariado” (Engels apud Berger, 1974, p. 120).

Muito próxima dessa “leitura”, do conceito “ditadura do proletariado”, é a de Rosa Luxemburgo; ao referir-se à Revolução Russa no seu processo, situa que a democracia socialista não é outra coisa do que a ditadura do proletariado. Polemizando com Lênin, Trotsky e Kautsky, ela escrevia a respeito:

¹ K. Marx, 1874, comentários do “O Estado e a Anarquia”, de Bakunin, 1874, v.XVIII, p.633-6, em Papaioannou, Marx et les marxistes, p.213-4, Paris, Flammarion, 1972.

Sim, ditadura! Mas essa ditadura consiste na maneira de aplicar a democracia, não na sua abolição, e, sim, nas medidas enérgicas e resolutas sobre os direitos adquiridos e as condições econômicas da sociedade burguesa, sem as quais a transformação socialista é irrealizável. Mas essa ditadura deve ser obra da classe e não de uma pequena minoria dirigente em nome da classe; em suma, ela deve fundar-se na participação ativa das massas, ficar sob sua influência imediata, submetida ao controle público, ser um produto da educação política crescente das massas populares. (Luxemburgo, [s.d.], p. 46)

Aos social-democratas alemães na época, que se tornaram nacionalistas e apoiaram sua burguesia na guerra de 1914-1918, reprimindo posteriormente a revolução socialista alemã, respondia ela:

Os socialistas governamentais da Alemanha podem bem gritar que a dominação dos bolcheviques na Rússia é uma caricatura de ditadura do proletariado. Isto porque ela foi um produto da atitude do proletariado alemão, que fora uma caricatura de luta de classe. (Luxemburgo, [s.d.], p.46-47).

Nessa leitura do conceito “ditadura do proletariado”, Luxemburgo mostra claramente como ela consiste na aplicação da mais ampla democracia, na qual a massa da população deve participar, pois a acumulação das experiências e a educação política das massas são impossíveis sem liberdade política.

Já que estamos tratando de ditadura/democracia, seria interessante, voltando ao tema principal, as relações Marx/Bakunin, verificar como este último é profundamente ambíguo ante a dimensão do político, precisamente ante o problema eleitoral.

Bakunin afirma enfaticamente a respeito da participação eleitoral:

“Nós negamos que o sufrágio eleitoral possa ser utilizado pelo povo para a conquista da igualdade econômica e social. Sempre será necessariamente um instrumento hostil ao povo, é um instrumento de apoio à ditadura de fato da burguesia” (em Dolgoff [org.], 1977, p.264). Numa carta a Gambuzzi de 16 de fevereiro de 1870, Bakunin (1975, p.178) felicita-o por ter

regressado à Nápoles, para te fazeres eleger deputado, se possível. Talvez te admires de ver que eu, abstencionista decidido e apaixonado, empurro agora os meus amigos para se fazerem eleger deputados. É que as circunstâncias e os tempos mudaram. Em primeiro lugar, os meus amigos, a começar por ti, são de tal modo aguerridos nas nossas ideias, nos nossos princípios, que não há perigo de poderem esquecer-los, deformá-los, sacrificá-los e tornarem a cair nos seus antigos hábitos políticos. Os tempos tornaram-se de tal modo graves, o perigo que ameaça a liberdade de todos os países é de tal modo

extraordinário que é preciso que os homens de boa vontade estejam sempre na brecha em toda parte.

Numa carta a Celso Cerretti escrita em 1872, Bakunin aconselha seus companheiros italianos a uma colaboração com partidos burgueses para atingirem objetivos imediatos puramente políticos. Nesse sentido, escreve ao amigo:

Vocês não são teóricos utopistas, querem formar um partido ativo e forte, capaz de transformar num prazo tão próximo quanto possível a vossa bela Itália num país de liberdade, de igualdade, de justiça, de felicidade e de honra para todos. Sabem que os mazzinianos são inimigos renhidos deste governo, por razões diferentes das vossas, temendo-vos muito mais do que a eles, o governo persegue-vos. Até certo ponto sereis forçados a andar paralelamente com eles, secundá-los indiretamente e ao fazê-lo enfraquecer o governo atual, o vosso inimigo mais encarniçado e forte. Vocês serão obrigados a organizarem-se e seguirem paralelamente a eles [os mazzinianos] para poderem tirar proveito, para a realização de vossos objetivos de cada um dos seus movimentos (Bakunin, 1975, p. 178).

Ambiguidade ante a participação no processo eleitoral, oscilando entre abstenção e participação e a confiança no sistema de aliança de partidos que representem classes opostas ou frações de classes, é o que se deduz dos textos enunciados. Em relação às eleições na França em 20 de fevereiro de 1876, Bakunin pronuncia-se a favor da vitória eleitoral do Partido Republicano, exaltando a França em

tentar um último esforço para se constituir, apesar de todos os entraves que a prendem, num Estado republicano e francamente democrático. É provável que nas próximas eleições triunfe o Partido Republicano, tanto mais que os partidos opostos não são propriamente partidos, mas intrigas sujas e miseráveis (Bakunin, 1975, p. 183).

No que se refere também ao conceito de proletariado e seu papel na luta de classes, há grandes diferenças entre Marx e Bakunin. Enquanto Marx considera no Manifesto Comunista o Lumpenproletariat, o desclassificado social como um elemento mais predisposto a vender-se à polícia e à burguesia, principalmente em épocas de reação, Bakunin funda nele sua esperança de mudança revolucionária da sociedade.

Contra-argumentando, Bakunin (em Dolgoff [org.], 1977, p.354-5) explicita que

por flor inata do proletariado, refiro-me a grandes chusmas do povo, os despossuídos, as fezes da sociedade, comumente denominados depreciativamente por Marx/Engels Lumpenproletariat. Penso na “canalha”, essas “fezes” quase incontaminada pela civilização burguesa que traz em seu ser interior as aspirações, as necessidades e misérias de sua vida coletiva, a semente do

socialismo do futuro, que é hoje suficientemente poderosa para inaugurar e fazer triunfar a revolução social.

Nos períodos repressivos, essa camada lumpen tem apoiado a reação, formando os batalhões dos “corpos livres” na Alemanha, célula das futuras SS do nazismo. Idêntico processo deu-se quando da ascensão de Mussolini ao poder. Ignazio Silone no seu romance antifascista Fontamara retratou a figura do lumpen: “Antes de Mussolini tomar o poder eu ganhava para apanhar (dissolvia comícios da' esquerda' italiana), depois eu ganhava para bater”. Essa é a trajetória do “lumpen” no contexto da luta de classes, quando a direita tem a hegemonia e o poder. A resistência ao fascismo deveu-se muito mais à continuidade da ação do proletariado ligado à produção do que ao “lumpen” dela desligado.

Já no contexto da Primeira Internacional, os operários da construção civil de Genebra, inicialmente adeptos de Bakunin, tornam-se inimigos, filiando-se à Federação Romanda de Genebra. Isso se deu pelo fato de ele provocar a hostilidade dos trabalhadores fabris, que, segundo ele, “não eram verdadeiros operários” (Bakunin, apud Babel, 1944, p.362-3).

Enfrentando o problema do “determinismo econômico”, Bakunin desenvolve uma “leitura” de Marx a respeito.

Materialistas e deterministas, como o próprio sr. Marx, também conhecemos o encadeamento fatal dos fatos econômicos e políticos na história. Conhecemos bem a necessidade, o caráter inevitável de todos os acontecimentos, mas não nos inclinamos indiferentemente diante deles. (Bakunin, 1975, p. 34).

Ele atribui a Marx uma visão determinística, onde os acontecimentos históricos se dão “inevitavelmente”, obedecendo a uma férrea lógica de encadeamento de fatos. Na realidade ele atribui a Marx uma posição que este já criticara; para Marx (em Bottomore [org.], 1964, p.72):

A história não faz nada: “não possui riquezas imensas”, não trava batalhas. São homens vivos, reais, que fazem tudo isso, possuem coisas e armam combates. Não é a “história” que utiliza os homens como meio de alcançar como se ela fosse também uma pessoa – seus próprios fins. A história não é nada senão a atividade dos homens perseguindo seus objetivos.

Não é sem razão que Marx critica aqueles que privilegiam a mudança de circunstâncias e de educação como determinantes da ação humana, esquecendo que “as

circunstâncias são mudadas pelos homens e que o educador tem que ser educado” (Marx, 1964, p.76).

Um aspecto importante a destacar na teoria e prática bakuninistas é o contraste entre seu discurso pregando a auto-organização a partir da base, a mais ampla participação dos trabalhadores na estrutura dos movimentos que vierem a criar, e seu apego a seitas e sociedades secretas. Por ter fundado uma, fora expulso da Primeira Internacional.

Numa carta a seu adepto italiano Celso Cerretti, escrita em Locarno a 13 de janeiro de 1872, enuncia que

mesmo no caso de, através de uma luta enérgica e hábil, chegares a defender vossas seções públicas, penso que, mais cedo ou mais tarde, compreendereis a necessidade de fundar em seu seio nuclei [núcleos] compostos de membros os mais seguros, os mais devotados, os mais inteligentes, os mais enérgicos, numa palavra, os mais íntimos. Tais nuclei, intimamente ligados entre si que se organizam em outras regiões da Itália e em outros países, terão dupla missão: formarão o espírito inspirador e vivificador deste imenso corpo chamado Associação Internacional dos Trabalhadores na Itália e no exterior, se ocuparão de questões que são impossíveis de serem tratadas publicamente. Eles formarão o elo necessário entre a propaganda das teorias socialistas e a prática revolucionária. É do ponto de vista dessa organização íntima, abrangendo a Itália toda, que desejo que o Congresso da Democracia Italiana se reúna o mais cedo possível. É a ocasião para todos os democratas socialistas, socialistas revolucionários da Itália, os mais sérios, entenderem-se e unirem-se na base de um programa comum. Naturalmente, essa aliança secreta abrangerá um número restrito de indivíduos, os mais seguros, os mais devotados, os mais inteligentes, os melhores. Nesse tipo de organização não é a quantidade e sim a qualidade que deve ser procurada. O que distinguirá vossa prática revolucionária dos adeptos de Mazzini é que não precisareis recrutar soldados para formar o pequeno exército secreto, capaz de tentar golpes de surpresa.

Mais adiante conclui:

Vós desejais uma revolução popular, por isso não precisareis recrutar um exército, vosso exército é o povo. O que deveis formar é o Estado-Maior, uma fonte bem organizada e bem inspirada de chefes do movimento popular. E para isso não é necessário ter uma grande quantidade de indivíduos iniciados na organização secreta.

Mais adiante escreve, referindo-se ao Congresso anteriormente citado:

Ele vos possibilitará reconhecer seus iguais, isto é, os socialistas revolucionários de todas as regiões da Itália e formar junto com eles uma minoria séria bem organizada e poderosa, que exprima as aspirações e interesses populares, só ela representará o povo nesse Congresso (Bakunin, 1974a, p. 251-252).

A sociedade secreta de Bakunin fora fundada em 1864 em Florença, a que ele dá ramificações internacionais, com o nome de “Fraternidade Internacional”; seus cofundadores na Itália eram ex-discípulos de Mazzini, de quem adquiriram o gosto pelas sociedades secretas, numa época em que os poloneses, os blanquistas, também conspiravam. Durante sua viagem aos países escandinavos, de agosto a novembro de 1864— conta Lehning (1974) —, e após seu retorno a Londres e Paris, redige os estatutos e primeiros programas, que completa em Florença e Nápoles entre 1865-1866. Essa sociedade durou cinquenta anos e seu último membro, Malatesta, morreu em 1932. Funda depois a “Aliança da Democracia Socialista”, para ela produz inúmeros estatutos e programas que não se realizam na prática. (Lhening, 1974), embora seu simpatizante, salienta que Bakunin produzia programas e estatutos para organizações secretas inexistentes. Numa sua carta a Johann Philipp Becker a 4 de novembro de 1869 escrevia a respeito: “Sabes melhor do que eu que certas existências imaginárias são muito úteis e que não são inteiramente desprezíveis. Sabes que na história há um quarto de realidade, três quartos ao menos de imaginação, essa influido profundamente nos homens” (Lhening, 1974, p.xxxvii).

Numa carta a Bolte de 29 de novembro de 1871, Marx afirma sua posição de uma Associação Internacional de Trabalhadores que represente o movimento real do proletariado, daí sua luta, no Conselho Geral contra as seitas, salientando que a pressão operária para reduzir a jornada de trabalho caracteriza um movimento econômico, um movimento que tem como fim a promulgação da legislação das oito horas de trabalho. É um movimento político, nascido dos movimentos econômicos parciais, é um movimento da classe para fazer triunfar seus interesses mais amplos. Logicamente se a classe cria tal movimento tem ela condições de organizá-lo, os movimentos aparecem como meio de ampliar tal organização. Para Marx,

A Internacional foi fundada para substituir as seitas socialistas ou semissocialistas pela organização efetiva da classe operária através da luta. A Internacional só pode afirmar-se se a marcha da história destrói as seitas. O desenvolvimento de seitas socialistas e do movimento operário real estão constantemente numa relação inversa. Enquanto as seitas se justificarem (historicamente) a classe operária não estará madura para um movimento histórico autônomo. Na medida em que ela atinge tal maturidade, todas as seitas serão, por essência, reacionárias.

Mais adiante continua:

E a história da Internacional foi uma luta contínua do Conselho Geral contra as seitas e as tentativas de amadores que, no quadro da Internacional, procuraram afirmar-se contra o movimento real da classe operária. Em Paris são os proudhonianos os cofundadores da Associação, na Alemanha a claqué de Lassalle. Correspondendo-me há dois anos com Schweitzer, mostrei a ele irrefutavelmente que a organização de Lassalle é uma simples seita e, como tal, hostil ao movimento operário real que procura a Internacional. Em fins de 1868 adere à Internacional o russo Bakunin com a finalidade de criar no seu interior uma Segunda Internacional, onde ele será o chefe sob o nome de “Aliança Democracia Socialista” (Marx, 1966, p. 116-7).

É no Congresso de Haia da Primeira Internacional a 2 de setembro de 1872 que Bakunin fora dela excluído.

Para ilustrar a estrutura de uma sociedade secreta, fundada por Bakunin, temos o juramento que o membro da “Fraternidade Internacional” deve pronunciar. Esta foi criada por ele no mesmo ano que a Associação Internacional dos Trabalhadores. Para propagar e organizar a revolução, achou ele indispensável criá-la, com base na disciplina a mais estrita e no centralismo o mais autoritário. A fonte é do insuspeito historiador do anarquismo Fritz Brupbacher:

Eu juro por minha honra e minha consciência que aceitei plena e inteiramente todos os princípios filosóficos, econômicos e sociais, teóricos e práticos de vosso catecismo revolucionário. Aceito igualmente todas as disposições, todos os preceitos e todas as leis, onde o detalhe faz parte de vosso regulamento. Submeto-me a ele provisoriamente de forma absoluta e reservo-me o direito e dever de combater todos os pontos secundários, sobre os quais poderei ter uma opinião oposta, na próxima reunião da constituição do grupo, onde aceito antecipadamente a decisão soberana e definitiva.

Consagro a partir deste momento toda minha energia, meus esforços e minha vida ao serviço da revolução mundial federalista e social, baseada nestes princípios. Persuadido que melhor servirei participando de uma atividade pública e secreta de uma associação revolucionária internacional, desejo ser admitido por vós.

Juro submissão e obediência absoluta à associação internacional; assumo participar nela, provando através da atividade, zelo, observar prudência e discrição, silenciar sobre seus segredos, sacrificar meu amor próprio, minha ambição, meus interesses pessoais, colocando à sua disposição toda minha inteligência, toda minha atividade, minhas forças, minha autoridade e situação social, minha influência, minha fortuna, minha vida.

Submeto-me antecipadamente a todos os sacrifícios e deveres que ela me impor, na certeza que não exigirá de mim algo que contrarie minhas convicções e minha dignidade, nada que ultrapasse meus recursos pessoais. Durante o tempo em que for encarregado de uma missão ou função, obedecerei sem reservas as ordens dos chefes diretos que a mim forem confiadas; juro desenvolver essa missão com o máximo de rapidez, exatidão,

energia e prudência e não ser limitado senão por obstáculos realmente impossíveis de serem vencidos.

A partir de agora, subordino toda minha atividade pública e pessoal, literária, política, burocrática, profissional e social às diretrizes soberanas que receberei dos chefes dessa associação (Bakunin apud Brupbacher, 1971, p. 90-91).

Essa estrutura centralizadora, autoritária e jacobina, proposta por Bakunin à sua organização secreta, “Fraternidade Internacional”, será transposta por ele à “Aliança Internacional da Democracia Socialista”. Propõe a seus amigos o ingresso na Primeira Internacional, conservando a “Aliança” como uma espécie de fração. Verifica-se claramente um contraste entre a valorização da “espontaneidade” do movimento social e essa organização secreta, que funcionou como uma Segunda Internacional no seio da Primeira Internacional.

No seio da luta Marx/Bakunin, verifica-se a repetição constante de um discurso bakuninista contrário ao aumento de poderes do Conselho Geral, porém, no Congresso da Basileia da Internacional em setembro de 1869, Bakunin pronuncia-se a favor da extensão dos poderes e atribuições do Conselho Geral e, portanto, a favor de Marx.

Redige ele “O catecismo revolucionário”, atribuído por alguns historiadores do movimento operário a Netchaiev; porém graças aos trabalhos de Ross, Max Nettlau e James Guillaume, seu autor é Bakunin. É um modelo de “catecismo” sectário, totalitário, que configura bem o tipo humano que uma “sociedade secreta” tem necessidade.

Para fins de ilustração transcrevemos sinteticamente algumas passagens:

O catecismo revolucionário

Deveres do revolucionário em relação a si próprio

III – Um revolucionário despreza qualquer teoria: renuncia à ciência atual e abandona-a às gerações futuras. Conhece uma só ciência: a da destruição. Com essa finalidade, somente para isso é que estuda mecânica, física, química e medicina. Com idêntica finalidade estuda dia e noite as ciências da vida: os homens, seus caracteres, suas relações e as condições sociais que regem a ordem atual. A finalidade sempre é a mesma: destruir o mais rápido e seguramente possível essa ignomínia que é a ordem universal.

Deveres do revolucionário em relação a seus camaradas

VIII– O revolucionário só pode ter amizade ou simpatia por aquele que provou por seus atos que é igualmente um servidor da revolução. A amizade, o devotamento, as obrigações em relação a um camarada se medem conforme sua utilidade no trabalho prático da revolução destrutiva.

Deveres do revolucionário em relação à sociedade

XIII– Um revolucionário penetra no mundo do Estado, das classes. Nesse mundo que se pretende civilizado, ele vive na medida em que crê em sua próxima destruição. Ele não é revolucionário se qualquer coisa o liga a esse mundo. Não deve recuar, trata-se de destruir qualquer laço de ligação com esse mundo decrépito, ou destruir alguma instituição ou algum indivíduo. Necessita odiar a tudo e a todos. O pior para ele é conservar neste mundo laços de parentesco, amizade ou amor: ele não é um revolucionário se esses laços podem travar seu braço.

Deveres da associação em relação ao povo

XXVI – Reunir todos esses elementos (aventureiros, ladrões que são os verdadeiros revolucionários) transformando-os numa força única, invencível e capaz de tudo destruir: tal é a razão de ser de nossa organização, de toda nossa conspiração (Bakunin apud Brupbacher, 1971, p. 98-103).

Tratando da dinâmica dos movimentos revolucionários, da espontaneidade das massas, da emergência de liderança, Bakunin reafirma seus princípios de seita secreta enunciando que

as autoridades revolucionárias [os que têm mais experiência e conhecimento dessa prática] não devem fazê-la [a revolução] por decretos, nem devem impô-la às massas, mas provocá-la nas massas. Elas não devem impor-lhes uma organização qualquer, mas, suscitando a sua organização autônoma de baixo para cima, trabalhem secretamente com a ajuda da influência individual sobre os indivíduos mais inteligentes e mais influentes de cada localidade, para que essa organização seja o mais possível conforme os nossos princípios. Todo o segredo do nosso triunfo está aí (Bakunin, 1975, p. 101).

Vemos a precariedade da visão da oposição na Primeira Internacional entre Marx/Bakunin, como sendo entre o “socialismo autoritário” e o “socialismo libertário”, um falso debate. É que a luta contra o “autoritarismo” em nossa época tem por função dissimular os fundamentos da crise da sociedade, da crise do trabalho e da condição de assalariado, impedindo o processo e a luta anti-hegemônica no nível das classes e do

Estado. O que se contesta hoje, por exemplo, não é propriamente a “autoridade”; é muito mais, na medida em que “ela é o veículo da opressão salarial que circula da fábrica à família, à escola e ao Estado” (Berger, 1974, p. 197).

O debate entre o autoritarismo e o libertário tende a tornar-se meramente filológico e paroquial, na medida em que está descolado do movimento real do proletariado, onde se dá o processo de união via associação, que procura vencer não simplesmente o “autoritarismo” dominante, mas a divisão social do trabalho e do saber, fonte do chamado “autoritarismo”. Discuti-lo como categoria em si mesma é uma inutilidade, pois ela é expressão de uma relação social.

Eis por que a Comuna de Paris atacou o problema na base, procurou inicialmente redefinir uma nova divisão do trabalho que levasse ao comunismo:

O decreto de longe o mais importante da Comuna instituiu uma organização da grande indústria e mesmo da manufatura que devia fundar-se não somente na associação dos trabalhadores de cada fábrica, mas reunir essas associações numa grande federação; logo, uma organização que, como Marx definia com muita justeza, deveria levar finalmente ao comunismo (Engels, 1972, p. 299).

Isso significa, em outras palavras, a transformação da luta de classes em luta revolucionária pela associação, implica a integração de todas as formas comunitárias vivas conforme o desenvolvimento técnico atingido, nas lutas também comunitárias da classe trabalhadora. Conclusivamente, diríamos: “Bem, caros senhores, quereis saber qual o caráter dessa ditadura? Olhai a Comuna de Paris, é a ditadura do proletariado” (Engels, apud Berger, 1974, p.302).

Há outro traço em Bakunin muito sério, um racismo antijudaico; isso aparece em seus escritos notadamente após 1869, quando Moses Hess o critica em artigo publicado sob o título “Os coletivistas e os comunistas”. Na época procurou-se explicar o antijudaísmo de Bakunin, alegando-se que seus críticos Marx, Borkheim, Otine, eram todos judeus.

James Guillaume, historiador e um dos fundadores da Internacional com Marx, porém adepto de Bakunin, procurou explicar escrevendo que

caluniados e vilipendiados por uma sequela de intrigantes, somos obrigados a constatar que alguns dos mais enraivecidos contra nós eram os judeus alemães e russos, que parecem autossustentar-se por espírito de grupo e acreditamos nosso dever dizê-lo. Sabíamos que Marx era judeu, seu alter ego

Engels, bem menos inteligente e mais enraivecido que ele, já não o era (Guillaume, 1905- 19 10, p . 157-8).

A tendência a justificar o antijudaísmo de Bakunin não era inerente a todos os seus simpatizantes ou seguidores. Um dos fundadores da Internacional e também um de seus historiadores, o espanhol Anselmo Lorenzo, nota que fora desagradavelmente surpreendido ao ver que Bakunin, na sua polêmica com Marx, empregava o argumento que este era particularmente judeu. Escreve Lorenzo ([s.d.], p.323), “isso se opunha a nossos princípios de fraternidade sem diferenças de raças ou crenças”.

O antissemitismo ou antijudaísmo era um fenômeno corrente no século XIX em relação às populações judaicas da Rússia. O fato é que as bases sociológicas do racismo de Bakunin até hoje não foram elucidadas; seu discurso racista e antissemita está claramente definido no manuscrito produzido em março de 1872, “Aos companheiros da Federação das Seções Internacionais do Jura”.

Bakunin exprime assim seu racismo:

O pensamento vitorioso, infelizmente, no seio do Conselho Geral, é um pensamento exclusivamente alemão. Representado sobretudo por Marx, um judeu alemão, muito inteligente, sábio, que prestou grandes serviços à Internacional, socialista convicto, mas, ao mesmo tempo, muito vaidoso, muito ambicioso, intrigante como um verdadeiro judeu o é.

Acrescentando, “seu pensamento tem como fonte de inspiração o sentimento racial. A essa •pretensão monstruosa do pangermanismo devemos opor a aliança da raça latina e da raça eslava” (Bakunin, 1974, p.1 06).

Mais adiante continua:

Os delegados das sociedades operárias da Alemanha e da Suíça alemã participam de discussões nos congressos da Internacional após 1869. Em grande número comparecem ao Congresso da Basileia (setembro de 1869) após se constituírem em partido da democracia socialista pangermânica sob inspiração direta e direção indireta de Marx, que reside em Londres e faz-se representar no seio do proletariado da Alemanha e da Áustria, principalmente por seu discípulo, judeu como ele próprio, Liebknecht, e por muitos outros partidários fanáticos, judeus também. Os judeus constituem hoje em dia na Alemanha uma potência. judeu ele próprio, Marx tem em torno de si em Londres, na França e sobretudo na Alemanha um conjunto de pequenos judeus mais ou menos inteligentes e instruídos, vivendo de sua inteligência, vendendo a varejo suas ideias. Reservando a si próprio o monopólio da grande política, eu diria da grande intriga, deixa aos pequenos, miseráveis, obedientes à sua direção que lhe prestem grandes serviços; inquietos, nervosos, curiosos, indiscretos, intrigantes, exploradores, como o são os judeus sempre, agentes de comércio, beletistas, políticos, jornalistas, dominaram a imprensa na Alemanha, dos jornais monarquistas os mais absolutistas aos jornais radicais e socialistas, há muito tempo dominam na área da especulação financeira e comercial, no mundo do dinheiro. Tendo um pé no Banco põem outro pé no socialismo. Todo esse mundo judeu que forma

uma só seita exploradora, uma sorte de povo sanguessuga, um parasita coletivo devorante e auto-organizado, não só através das fronteiras dos Estados, mas através de todas as diversas opiniões políticas, grande parte deste universo está à disposição de Marx de um lado, dos Rothschild do outro. Sei que os Rothschild, reacionários como são, apreciam muito o mérito do comunista Marx; por outro lado, o comunista Marx sente-se atraído, instintivamente, mantendo uma admiração respeitosa do gênio financeiro Rothschild. A solidariedade judaica, essa solidariedade tão poderosa que se manteve através de toda história, une-os (Bakunin, 1974a, p. 109).

Acrescenta ele, referindo-se a homens políticos hábeis: “Pode-se prepará-los através da calúnia e da intriga, ninguém pode servir-se delas melhor do que Marx, que dispõe de um exército de judeus, nesse tipo de guerra”. Termos como “Moses Hess adorador do bezerro de ouro, judeu alemão, pseudossocialista”; “o jornal oficial da democracia socialista redigido por outro amigo e discípulo de Marx, judeu como ele, Liebknecht”; “um terceiro judeu, Borkheim, outro servidor dele” (Bakunin, 1974a, p. 116); “um pequeno judeu russo, mentiroso e intrigante” (Bakunin, 1974a, p. 117). Traça um perfil positivo de Marx:

Marx é homem de grande inteligência, um sábio no sentido mais amplo e sério do termo. É um economista profundo, em comparação com ele, Mazzini é um escolar. Marx é apaixonadamente devotado à causa do proletariado. Ninguém tem o direito de por isso em dúvida. Marx ama o proletariado, logo, detesta a burguesia, é necessário possuir a vilania da calúnia para ousar negar o amor de Marx pela causa do proletariado. Junte-se a esses méritos incontestáveis o fato de ter sido o criador da Primeira Internacional (Bakunin, 1974a, p. 121-122).

Ambivalentemente, traça o perfil negativo de Marx:

é doutrinário, crê absolutamente nas suas teorias e desdenha a todos. Tem amigos fanáticos que adoram-no e por isso corrompem-no. Chegou a considerar-se seriamente o papa do comunismo, odeia a quem o contradiz, mesmo sendo socialista revolucionário o opositor. Coisa singular, inexplicável, por sua condição de sábio e por sua natureza nervosa de judeu, sobretudo, é excessivamente vaidoso até a loucura (Bakunin, 1974a, p. 122-123).

“É um comunista autoritário, partidário da emancipação e da organização nova do proletariado pelo Estado” (Bakunin, 1974a, p.123) . Conclui Bakunin: “Marx chamava-me de socialista sentimental, tinha razão. Chamava-o de vaidoso pérfido, tinha também razão” (Bakunin, 1974a, p. 125).

No caso em tela, o antissemitismo de Bakunin trata-se de um fenômeno estranho num homem que escreve:

O pensamento da Internacional não é um dogma revelado por um Deus qualquer, não é uma doutrina filosófica, política, econômica, que alguns cérebros privilegiados detêm, ela é a expressão mais desenvolvida dos próprios instintos das massas, à medida que se revelam e se organizam para a luta suprema, criam por esforços espontâneos, oriundos de sua própria inteligência coletiva, a fórmula de suas aspirações comuns (Bakunin, 1974a, p. 159).

Quanto aos intelectuais: “Que eles não imponham suas próprias ideias e que se contentem somente em propor” (Bakunin, 1974a, p. 159). Como conciliar essa “abertura” com a discriminação racista que aparece em seus escritos, seja em relação a um país, Alemanha, ou a um grupo étnico, judeu, absorvendo todos os estereótipos da literatura antissemita da época. Não é por acaso que “O Protocolo dos Sábios de Sião” realiza como Bakunin um amálgama, uma falsa identificação: que o judeu como tipo social e étnico responsável pelo capitalismo e pelo comunismo tenha sido produzido na Rússia czarista.

O historiador J. M. Setkov, na sua obra Michail Alexandrovitch Bakunin, 1814-1876 ([s.d.], p. 346-350), oferece uma pista para a compreensão do “antissemitismo libertário” de Bakunin: ele atribui o antissemitismo de Bakunin ao curto período em que este prestou serviço militar, no oeste da Rússia.

Qualificar um grupo étnico como “povo sanguessuga”, definir os adeptos de Marx simplesmente como “judeus como ele”, falar de “natureza nervosa de judeu”, são termos que, realmente, poderiam figurar numa Enciclopédia antissemita. Quando procura analisar o grupo judaico, através do tempo, procede como os historiadores antissemitas procuram explicar a história pelo judeu e não o judeu pela história. A ascensão social do grupo judaico na Alemanha, após as revoluções liberais, ligou-se à sua integração na sociedade germânica através de casamentos mistos, da conversão ao catolicismo e ao protestantismo, como fora o caso do próprio pai de Marx. Isto na medida em que o “judeu” enquanto grupo deixava de ser judeu. O mesmo ocorreu com a proletarização dos emigrantes judeus nos EUA; deixaram de sê-lo na medida em que passaram de pequeno-burgueses à condição de proletários.

A mudança de classe social influi na mutação dos valores do grupo.

No confronto Marx/Bakunin, é necessário reter que os dois se originam de cenários sociais profundamente diferenciados. Marx era um desertor de origem

burguesa, Bakunin também, porém, provinha da nobreza. O primeiro emergia de uma Europa há muito industrializada, o outro provinha de um país que estava realizando a transição do feudalismo ao capitalismo, de um país como a Rússia na época, essencialmente agrícola. Não é por acaso que o proletariado ocupa o centro das preocupações de Marx, daí constatar ele no Manifesto comunista ter a burguesia despovoado os campos, criando imensas cidades, liberando parte considerável da população do “idiotismo” da vida rural; nessa época nos EUA os agricultores representavam 70% da população ativa; meio século depois, a proporção cai para 31o/o (1910) e atualmente atinge menos de 8%.

Bakunin tem no camponês seu centro de preocupações, daí criticar o

socialismo mais sofisticado dos operários urbanos – por isso levemente aburguesado – que confunde e despreza o socialismo vigoroso e primitivo do camponês, trata de diminuí-lo e desconfia dele. Trata-o como ignorante, supersticioso e fanaticamente devotado ao imperador, além de obstinado defensor da propriedade privada (em Dolgoff [org.], 1977, p. 223).

Bakunin punha ênfase especial na revolução que deveria eclodir na Rússia na sua época e na luta por uma república federativa de todos os países eslavos. Engajou-se numa luta contra o que ele chamava de pangermanismo:

Eu não hesito em dizer que a maioria desses chefes – dos operários suíços e austríacos – pratica o pangermanismo na Internacional e por seu intermédio com conhecimento de causa; sem dúvida, um pangermanismo à sua moda, não bismarckiano, mas que, apesar deles, ajuda muito ao chanceler (Bakunin, 1974b, p. 113).

Enquanto isso, pretendia Bakunin ganhar para seu programa os indivíduos mais engajados, ativos e enérgicos, reuni-los numa associação secreta para dar aos movimentos populares uma orientação revolucionária; “pretendia criar, como sempre o dizia, uma ditadura revolucionária invisível e impessoal, capaz de impedir o desvio das forças revolucionárias”, conforme nos relata o historiador anarquista F. Brupbacher (1971, p. 164).

No diálogo e oposição Marx/Bakunin situam-se os grandes problemas do movimento operário hoje: as relações da classe com o Estado capitalista, as formas de “associação” que a luta operária assume no processo revolucionário, a questão do papel central do proletariado no processo, o papel do campesinato. Tem ele condições de um programa próprio? O papel de “minorias organizadas” na forma de “ditadura invisível”

e suas relações com as massas trabalhadores ou seu isolamento ante as mesmas. A ditadura do proletariado, as várias “leituras” que sofreu o conceito desde o século XIX até hoje, sua “contaminação” com a ditadura de um partido “em nome” dos trabalhadores. Por tudo isso, é atual o debate Marx/ Bakunin, desde que não se limite somente à oposição “a-histórica” entre autoritarismo e liberdade.